

A EXPOSIÇÃO AUTORAL DE CAIO FERNANDO ABREU EM SUA CRIAÇÃO LITERÁRIA

LILIAN GREICE DOS SANTOS ORTIZ DA SILVEIRA¹; AULUS MANDAGARÁ MARTINS²

¹*Universidade Federal de Pelotas – ortiz.greice@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – aulus.mm@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

As relações que podem ser estabelecidas entre a produção literária de Caio Fernando Abreu e sua vida vêm sendo discutidas pela crítica há bastante tempo. Com isso, sua obra chegou a ser vista como autobiográfica em decorrência das ligações que podem ser feitas entre sua vida e seus textos. No entanto, a definição de autobiografia proposta inicialmente por Lejeune (2014) quando afirmou que essa seria uma “Narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2014, p.16) não dá conta da criação literária realizada pelo escritor. Nesse sentido, Barbosa (2008) afirma que essa definição não é adequada, pois não abrange a totalidade da obra de Caio Fernando Abreu.

Na tentativa de encontrar uma explicação para os entrecruzamentos entre realidade e ficção que estão presentes na escrita do autor, Barbosa (2008) diz que a noção de autoficção seria mais pertinente para a leitura dos textos do escritor. Formulado por Doubrovsky, o termo autoficção serve para designar os entrelaçamentos que podem existir entre a vida e a escrita.

Progressivamente vemos o quanto comum é a exposição da figura autoral na literatura e isso, conforme Duque-estrada (2009), é fruto das mudanças ocorridas na noção de sujeito. O sujeito contemporâneo não é mais unificado e, se existe uma alteração na maneira como o compreendemos, também haverá uma mudança na forma como esse sujeito é retratado.

Os limites entre o público e o privado estão cada vez menos fixos e isso faz com a vida dos escritores apareça na sua escrita. Para dar conta da dissolução desses limites, Arfuch (2010) cria o espaço biográfico e considera que há uma pluralidade de identidades e uma diversidade de sujeitos que cada vez mais têm a necessidade de se expor. Essa exposição é feita através dos meios midiáticos tão comuns atualmente, dentre os quais ela dá ênfase ao papel da entrevista.

Conforme Arfuch (2010), podemos usar diversos gêneros textuais para o entendimento desse espaço biográfico. Por conta disso, consideramos que esse é um termo apropriado para a leitura dos textos de Caio Fernando Abreu, pois a partir das ideias da pesquisadora podemos pensar como o escritor acaba se colocando em seus textos literários. Para tanto, é possível analisarmos a ficção do autor em conjunto com suas entrevistas e correspondências a fim de pensarmos como se dá a intersecção entre real e ficcional em Caio Fernando Abreu.

2. METODOLOGIA

A partir da leitura da fortuna crítica do escritor percebemos que muitos fatos que são narrados em seus textos literários podem ser relacionados com suas experiências de vida. Uma das possíveis razões para isso é o fato de que Caio

Fernando Abreu sempre se preocupou em retratar em suas obras o contexto histórico em que seus textos foram escritos. Dessa forma, a geração retratada por ele em muito se aproxima de suas experiências porque ele também estava inserido no período que ele retrata.

Depois dessa constatação, procuramos entender as razões pelas quais sua obra já foi entendida como autobiográfica para então chegarmos ao conceito de autoficção, que seria mais adequado para a leitura de seus textos. Por fim, a noção de espaço biográfico é utilizada para dar conta das conexões que podem ser mantidas entre seus textos literários e outros gêneros discursivos, como a entrevista.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para análise da hibridez entre realidade e ficção na obra de Caio Fernando Abreu selecionamos três contos de sua vasta produção literária a fim de pensarmos como os limites entre um campo e outro se diluem nos textos por ele escritos. Os contos selecionados foram “Lixo e Purpurina”, “London, London ou ájax, brush and rubbish” e “Garopaba mon amour”.

“Lixo e Purpurina” foi composto nos anos 1970 quando Caio F. Abreu mudou-se para Europa na tentativa de deixar para trás as dificuldades enfrentadas no Brasil no período da ditadura militar. No entanto, o conto apenas foi publicado anos depois na obra *Ovelhas negras*. A partir da leitura das correspondências do escritor e de suas entrevistas é possível constatar que muitos fatos narrados nesse conto podem ser relacionados com a vida do escritor.

Além disso, o texto contribui para o entendimento do momento histórico no qual o Brasil se encontrava ao retratar as dificuldades da época. Desde a apresentação de “Lixo e Purpurina”, Caio Fernando Abreu já explicita que esse se trata de uma mistura entre diário e ficção. Todavia, a forma como ele cria seu texto acaba apagando as fronteiras entre um campo e outro e não é possível distingui-los. Isso é comum nas escritas autoficcionais, pois o trabalho com a linguagem realizado deve ser valorizado.

A autoficção tem um compromisso em destacar a criação literária, mesmo que os eventos narrados sejam baseados em fatos vividos. Nesse sentido, a definição de autoficção formulada por Doubrovsky (2014) como uma escrita em que podemos encontrar elementos que remetem à realidade, mas que não descarta a ficção, é a chave para compreendermos os textos do escritor, pois ele nunca se propôs a retratar em sua ficção fatos que remetessem a sua própria existência.

O segundo conto escolhido, “London, London ou ájax, brush and rubbish”, que faz parte de *Pedras de Calcutá* e também foi inserido em *Estranhos Estrangeiros* enfatiza novamente a preocupação do escritor em retratar o contexto, pois nele vemos de novo a figura do estrangeiro em busca de melhores condições de vida fora de seu país. Além disso, mais uma vez é possível estabelecermos relações entre vida e obra.

Em relação a isso, vale lembrar que na ditadura militar Caio Fernando Abreu se exilou e viveu um tempo na Europa na tentativa de deixar para trás os problemas do país e de encontrar um novo rumo para sua vida. Apesar disso, a realidade encontrada pelo autor na Europa foi difícil e muitas das situações sofridas por ele durante o período em que esteve fora aparecem em seus textos, deixando claro a presença de dados referenciais em sua escrita.

O último conto, “Garopaba mon amour”, que também faz parte de *Pedras de Calcutá*, assim como nos outros dois contos, retrata o contexto histórico-político. Nele nos é narrada a beleza da natureza em contraste com práticas de violência que eram comuns no período retratado. Mais uma vez é possível identificarmos que algumas situações relatadas no texto se aproximam de experiências vividas por Caio Fernando Abreu que costumava frequentar a praia descrita em “Garopaba mon amour” e também vivenciou o momento ditatorial.

Nesses contos fica claro que a criação literária do autor mantém pontos em comum com suas experiências. Por conta disso, é possível pensar sua escrita a partir da autoficção e também do espaço biográfico proposto por Arfuch (2010) que nos permite relacionar suas cartas e entrevistas aos seus textos literários.

4. CONCLUSÕES

A noção de espaço biográfico formulada por Arfuch (2010) auxilia no entendimento da obra de Caio Fernando Abreu, pois encontramos nessa proposição a possibilidade de entendimento das conexões que podemos manter entre os diversos gêneros discursivos que podem auxiliar no entendimento das ligações existentes entre a vida e a obra de Caio Fernando Abreu.

Além disso, reforçamos o fato de que a definição de autobiografia, inicialmente proposta por Lejeune (2014) e que defendia a necessidade de um pacto autobiográfico em que o leitor deveria ler a obra como autobiografia e valorizar a relação de identidade entre o autor do texto e o narrador do livro, não é suficiente para entender o trabalho com a linguagem realizado por Caio Fernando Abreu.

Por conta disso, a autoficção é mais adequada para pensarmos na quebra dos limites entre o real e o ficcional, pois esse termo foi criado a partir do entendimento de que por mais que o real esteja presente no ficcional, o que é prevalece é a construção literária realizada pelos escritores.

Por fim, o espaço biográfico contribui para o entendimento de que cada vez menos existem fronteiras entre o público e o privado e que diversos textos podem ser lidos em conjunto. Além disso, é preciso considerar que o sujeito representado na literatura é fragmentado e não possui uma identidade definida, pois houve mudanças na noção de sujeito.

Essa fragmentação do indivíduo contemporâneo aparece na literatura de Caio Fernando Abreu por meio da construção de personagens que não apresentam uma identidade unificada e estão sempre em busca de um local de pertencimento. Sendo assim, verificamos a preocupação literária do escritor e seu cuidado em fazer da literatura um instrumento para refletir sobre o contexto de produção de seus textos. Portanto, não há como entender seus textos como um simples registro de dados de sua vida e desconsiderar sua criação ficcional.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Caio Fernando. **Pedras de Calcutá**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- _____. **Estranhos Estrangeiros**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. **Ovelhas Negras**. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- BARBOSA, Nelson Luís. **Infinitamente pessoal: a autoficção de Caio Fernando Abreu, o biógrafo da emoção**. 2008. 401 f. Tese (Doutorado em Letras) - Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- DOUBROVSKY, Serge. **O último eu**. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). Ensaios sobre a autoficção. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.
- DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. **Devires autobiográficos; a atualidade da escrita de si**. Rio de Janeiro: Nau/Ed. PUC-Rio, 2009.
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**. In: In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). O pacto autobiográfico – de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.